

**MARIA TEREZA VIEGAS PIMENTA**



**CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA**

**DE**

**ALFREDO PIMENTA**

**(1882-1950)**

*«A cronologia é indispensável  
para a intelecção propriamente dita.  
Não pode ser encarada como dantes,  
como mero luxo de precisão.  
Hoje é tida como peça indispensável  
da própria intelecção.»*

*Julián Marías*

**CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA**  
**DE**  
**ALFREDO PIMENTA**  
**(1882-1950)**

1882 – Nasce em Penouços, freguesia de S. Mamede de Aldão, Guimarães, pelas 3 horas da madrugada do dia 3 de Dezembro. É baptizado no dia seguinte na Igreja Matriz de S. Romão de Rendufe.

1890 – Vive em Braga com seus Pais, numa casa junto à igreja de S. Victor; frequenta o Colégio Académico a Guadalupe, onde estuda as primeiras letras; depois frequenta o Colégio do Espírito Santo, onde tropeça nos estudos.

1892 – Regressa a Guimarães e frequenta o Colégio de S. Nicolau, no Beringel, onde o mestre de Matemática lhe encontra jeito para esta disciplina.

1893 – Recebe o Prémio da Sociedade Martins Sarmento para o melhor estudante de instrução primária.

1895 – Morte da Mãe; morte do Pai.

No conselho de tutela figuram seu tio Silvestre Pimenta, casado com D. Maria Emília de Meira, e o Dr. Joaquim José de Meira que A. P. recordará como seu único amigo nesse conselho.

É internado no colégio; não se adapta; passa a externo; para salvar o ano, recebe lições particulares. «O Padre Abel ensinava-me como eu gostava de ser ensinado. Com paciência, conversando, rindo, tratando-me bem. Lia-me os meus péssimos versos. Porque nesta altura eu já versejava – porque já lia livros que não eram os das aulas...» (*Memórias inéditas*).

1897 – Começa a frequentar a Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento e a da Família Meira. As suas leituras (Júlio Dinis, Tomás Ribeiro, Antero, Junqueiro, Baudelaire) maravilham-no. Pelo Toural, passeia em grupos ruidosos que perturbam o sossego convencionado dos papás e mamãs burguesas (*sic*).

1898 – Vê pela primeira vez Martins Sarmento, na estrada de Fafe, fica impressionado com a sua imagem; publica versos no *Comércio de Guimarães*. O *Parvónia* mete-se com ele: «O Comércio cá da terra abriu uma secção dos novos. Para principiar publica duas quadras, dois tercetos do poeta novo e catholico Alfredo Pimenta, subordinados ao Título – SONETO – , não fosse a gente imaginar pelo levantado a ideia, que aquilo era ode ou poema heróico». «Obrigado pela explicação, amigo Pimenta, obrigado. (...)».

1899 – Exame de Filosofia no Liceu de Viana do Castelo. Parte para Coimbra para se matricular na Faculdade de Direito. Instala-se na república da R. de S. João à sombra protectora de Luís Freitas: uma casa alta de quatro andares com bilhar e restaurante no rés-do-chão; os seus companheiros foram D. José Ferrão e Raul Aboim, poeta, que fazia acrobacias de espantar na varanda do 2º andar. A. P. «arruma» o seu quarto de trabalho: grande mesa coberta dum pano preto, encimada por uma caveira em missão de guarda. A sua morada em Guimarães é na rua do Forno, 27.

Continua a sua colaboração poética no *Comércio de Guimarães*: «...a minha harpa era fúnebre, e eu declarava-me constantemente à Morte, talvez porque possuía a Vida»; os seus amigos mandam, às escondidas, versos seus a Teófilo Braga, que enceta com ele uma larga correspondência.

Entrevê Eugénio de Castro, no Jardim Botânico, em Coimbra.

Vê Guerra Junqueiro na Póvoa de Varzim; estas duas visões impressionam-no, embora com ressonâncias diferentes.

Lê o *Socialismo Libertário ou Anarquismo* de Silva Mendes; será um dos primeiros livros da biblioteca que constrói ao longo da vida.

O *Parvónia* escreve: «(...) Consta que Alphueredo Pygmenta abandonará o campo da poesia e se retirará para os seus aposentos após as traduções de Baudelaire e Campoamor e a publicação d'um seu livro intitulado *Mortes Repentinhas* que em breve será vomitado no prelo...».

1900 – Continua no 1º ano de Direito.

Lê *O Único e a sua Propriedade* de Stirner, que é determinante na sua formação cultural: torna-se anarquista individualista, de feição aristocrata. Além disso lê Nietzsche, Renan, Caspar Schmidt, Proudhon, Bakounine, Kropotkine.

1901 – Continua no 1º ano de Direito.

Prossegue a sua colaboração literária no *Comércio de Guimarães*.

Publica *Um Alto Espírito visto à Luz do Espiritismo (sátira a Santos Monte)*.

1902 – Frequenta o 2º ano de Direito.

Continua a sua colaboração literária no *Comércio de Guimarães*.

Com Eduardo de Almeida funda a revista literária *O Burgo Podre*, em que proclamam não a independência, o desassombro ou convicções como é costume quando se cria um jornal, mas a irresponsabilidade, pois tencionam guiar-se ao sabor das suas vontades, reconhecendo a luta improveitosa de todas as doutrinas que contrariam o determinismo (*sic*).

1903 – Continua no 2º ano de Direito.

Prossegue a publicação do *O Burgo Podre*.

Colabora na *Ala Moderna*, revista quinzenal fundada por Alfredo Guimarães.

Entra em polémica com Augusto Pires de Lima *Os Despeitos da Academia*.

Lê as *Soluções Positivas da Política Portuguesa* de Teófilo Braga e depois o *Cours de Philosophie Positive* de A. Comte, que o Prof. Mendes dos Remédios lhe empresta.

Colabora na *Revista Coimbrã*.

Defende a Arte comprometida.

1904 – Continua no 2º ano de Direito.

Casa-se na Sé Nova com D. Adozinda Júlia Correia de Meneses Soares de Brito de Carvalho.

Mora no Bairro de S. José nº 35.

Publica o *Eu*.

Pensa desistir do curso de Direito, vai a Lisboa na esperança de se poder matricular no Curso Superior de Letras caso lhe dêem a equiparação necessária; pretende simultaneamente fazer vida no jornalismo (a família paterna desapoia-o economicamente em virtude da sua evolução ideológica).

Encontra pessoalmente Teófilo Braga, na Livraria do Tavares Pai, na Calçada do Combro em Lisboa – é o início de uma enorme amizade. Colabora no *Jornal da Noite* (órgão monárquico constitucional), dirigido por Fernando Martins de Carvalho e Álvaro Chagas, onde lhe dão completa liberdade de escrita: «E fiquei a escrever no *Jornal da Noite* – críticas ligeiras, artigos ligeiros, na mais absoluta independência das conveniências políticas da gazeta (...)».

Regressa a Coimbra (o pedido de equiparação é indeferido): «Não havia meio de me adaptar a Lisboa; torturavam-me umas saudades indomáveis de Coimbra.

«Às noites, da varanda da minha casa, olhava, lá ao fundo, o rio. E chorava de saudades do Mondego... Era o Mondego, era a Porta Férrea; eram as aulas, eram os rapazes, era o ar de Coimbra – era tudo que me fazia chorar de saudades.

«No Ministério do Reino, o meu requerimento seguia o seu caminho. E em fins de Setembro, veio o despacho: “indeferido”. Corro a casa, digo para a minha mulher: - Toca para Coimbra! E telegrafo ao meu bedel, ao nosso excelente bedel Álvaro Perdigão: matricule-me!» (*Voz*, 3-2-35).

Representa os republicanos de Guimarães no Congresso do Partido Republicano Português, em Coimbra. Perante a proposta defendida por João Chagas da demissão do Directório do Partido. A.P. pede que esclareçam a assembleia acerca dos fundamentos de tal proposta. Ao relatar a sessão, o *Mundo* informa que A.P. apoiara o Directório. A.P., em carta, rectifica a notícia. O *Mundo* publica-a entre os anúncios.

Colabora no *Povo de Guimarães* como principal editorialista.

1905 – Transita para o 3º ano de Direito.

Nasce a sua filha Maria Adozinda.

Publica *Para a Minha Filha* (poemas).

Colabora na revista *Luz e Vida*.

Enceta a grande amizade com Carolina Michaëlis de Vasconcelos que será, até à sua morte (1925), um dos seus grandes apoios.

1906 – Transita para o 4º ano de Direito.

Publica *A Mentira Monarchica* editado pelo Centro Republicano de Coimbra com a seguinte nota: «Ao publicar este trabalho do Sr. Alfredo Pimenta, o Centro não está a alimentar vaidades pessoais, apenas a manifestar a vontade de contribuir com todas as suas forças para a reorganização nacional baseada em princípios científicos e progressivos» (p.1).

Colabora em *Era Nova*, semanário do NEA (Núcleo Anarquista dos Estudantes de Coimbra), com Campos Lima e Eduardo de Almeida.

Publica *O Fim da Monarchia*.

1907 – Frequenta o 5º ano de Direito.

Nasce o seu filho Alfredo Manuel.

Participa activamente na Greve Académica. Pertence ao grupo de “Os Intransigentes”; mantém-se fiel à sua recusa de participar nos exames. Mais tarde dirá: «Um banal incidente universitário deu origem à greve académica de 1907, autêntico ensaio geral, ou manifesta sondagem do estado de espírito do País. Os três grandes centros académicos – Coimbra, Lisboa e Porto, mantiveram-se durante meses na mais febril das agitações, e mostraram até que ponto a Juventude pensante ou activa estava divorciada das instituições políticas. A atmosfera já de si tenebrosa tornou-se ameaçadora. O Poder cedeu perante a Anarquia da Juventude, sinal evidente que o Futuro estava cerrado. Um político monárquico das mais altas responsabilidades exclama: “Isto acaba por um crime, ou por uma Revolução!”». (*Palavras à Juventude*, 1941).

1908 – Conclui o curso de Direito.

Sai de Coimbra «estuate de saúde, de energia, de audácia para enfrentar a vida (...)».

Abre escritório de advogado no Porto, mas desiste ao fim de 8 meses.

Vive em Matosinhos na Rua do Godinho, 66.

Colabora em *A Voz Pública*, levado por Sampaio Bruno.

Frequenta o grupo dos republicanos do Camanho; desgosta-se do ambiente e afasta-se.

Participa em comícios republicanos.

Publica *Factos Sociais*, influenciado pela leitura do *Cours de Philosophie*, de Comte.

Para fazer face aos problemas de subsistência, pensa ir para Moçambique, no que é dissuadido por Teófilo Braga.

1909 – Nasce a sua filha Maria Gracinda.  
Funda o jornal *O Debate*.  
Colabora no *O Norte*, onde encontra Américo de Castro.

1910 – Passa a viver em Lisboa; fixa residência no Dafundo.  
É chefe do gabinete de António Aurélio da Costa Ferreira, Ministro do Fomento no governo provisório presidido por Duarte Leite.

1911 – Professor provisório no Liceu Passos Manuel.  
Publica *Aos Conservadores Portugueses* livre de compromissos, com a consciência da sua missão de intelectual.  
É contactado pelo Dr. Malva do Vale para escrever os “fundos” do *República*.  
Dá conferências no Liceu Passos Manuel: *A Acção Social dos Liceus*; *A Lei da Separação*.

1912 – Continua professor no Liceu Passos Manuel.  
Começa a isentar o Rei da culpa dos males do país.  
Gera-se o Partido Evolucionista: A.P. escreve o *Manifesto* publicado em 18-7-1912.  
Publica *Na Torre da Ilusão*, livro de poemas em que olha e ausculta «o drama singular duma consciência».  
Profere no Liceu Passos Manuel a conferência: *Da necessidade da Instrução popular*.  
Fixa residência em Lisboa.

1913 – É candidato a deputado pelo círculo de Aldegalega às eleições suplementares. Indo ao Barreiro para participar num comício é atacado com pedras e improperios pelos Republicanos Democráticos.  
É vencido no Partido Evolucionista pela orientação de Júlio Martins, mais radical do que a sua, conservadora.  
Continua professor no Liceu Passos Manuel.  
Publica *Política Portuguesa*, compilação dos artigos de jornal e discursos escritos como teórico do Partido Evolucionista, e *Estudos Sociológicos*, resultado da sua colaboração no *A Voz Pública*, com prefácio de Teófilo Braga.  
Presta provas para professor na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; o seu concurso é anulado por falta de cumprimento de normas que desconhecia: *As Igrejas e o Estado no regime de Separação*.

1914 – Afonso Costa desafia António José de Almeida para um duelo por causa de um “fundo” do *República* da autoria de A.P. intitulado «O Partido dos Escândalos»; solidários ambos, não aceitam o desafio pelas armas, tão só no campo das ideias. Do incidente surge uma publicação conjunta intitulada *Uma Pendência Célebre*.  
Publica *Alma Ajoelhada*, sob a égide de Debussy e Gabriel d’Annunzio; define-se no soneto “Nec Spe Nec Metu”, lema que usa no seu sinete.  
Publica “*A Doutrina de Drago e a 2ª Conferência da Paz (1907) – 1ª Parte –*”.

1915 – Publica *A Eleição dum Presidente*.  
Profere uma conferência na Liga Naval “*Significação Philosophica da Guerra Europeia e o Imperialismo Contemporâneo*”.

Na véspera do 14 de Maio desliga-se do Partido Evolucionista.

Publica *A Questão Política*, em que se dirige aos conservadores do seu país, declarando que não aspira a formar partido, sentindo-se melhor no isolamento.

Desliga-se da República e adere à Monarquia: publica *A Solução Monárquica* sob a epígrafe de Renan: «On n'est pas obligé de réussir, on n'est pas obligé de faire concurrence aux procédés que se permet l'ambition vulgaire; on est obligé d'être sincère» e reconhece que não se decidiu facilmente a escrever aquele livro – ele é o resultado «d'uma nobre vitória do meu espírito» perante a sua consciência, «a única que em verdade vale»... passará «indiferente às pedradas de garotos mais ou menos doutores, sem medo algum das navalhadas miseráveis dos imbecis...».

Mas confessa que não pode ocultar a sua mágoa por se separar de Junqueiro, «terna amizade, amizade de muitos anos, e em cuja companhia eu desejaria atravessar a vida inteira...» (p. 8).

Inicia a sua colaboração no jornal *O Dia*.

Publica *Carta a um Monarchico – Comentários*.

Colabora na *Ideia Nacional* com o pseudónimo de “Lord Henry”.

1916 - Profere na Liga Naval as seguintes conferências:

- *Palavras de Arte*: «Na vida o que vale é a porção de Chymera que conseguimos encontrar-lhe... A arte é como a religião, meio para elevar os espíritos até à Beleza...» (p. 18).

- *A Missão da Geração Nova*.

Publica:

- *O Livro das Orações*: «fecho os meus olhos e num sonho de pureza / E sonhando, e a sonhar, a minha alma reza / orações que acordada não diria. (...)» (p.11),

- *O Problema da Guerra*: «...a presente guerra é um phenomeno da vida europeia, em toda sua complexa phisiologia. Supor que ella podia ser evitada indefinidamente desconhecer por completo as leis sociais e o condicionalismo geral da Europa» (p.11).

Continua a colaborar na *Ideia Nacional* já com o seu nome.

1917 - Publica:

- *Política Monarchica*: «A Ordem é a condição do Progresso. Este não é mais do que o desenvolvimento daquela».

- *Paysagem das Orchídeas* – «Fito a bizarra orquídea... e penso que também, / como ella a minha alma é cheia de estranheza / E incapaz de amar ou querer alguém, / Sem ser por capricho ... ou ancia de belleza» (p.10)

- *Cartas sem Destino* – «Cartas sem destino, porque destino não têm estas cartas que eu vou escrever à Chymera»,

- *Cartas a um Estheta* – «chegou a hora de eu fechar as portas do meo templo; a Guerra veio terminar o cyclo do Bom-Gosto e da Arte... eu fico-me em tudo o que se escreveu em diante – com muitas cautelozas e prevenidas excepções...».

1918 – Conferência na Liga Naval: *A Situação Política*.

Publica: *Coimbra – Carta a Denise*.

É candidato a deputado por Guimarães. Renuncia a favor de Oliveira Salazar, que, eleito, se retira.

É autor de um projecto de lei para revogação do Divórcio que é também subscrito por António Sardinha.

Colabora em *O Dia* e no *Diário Nacional*.

1919 - Publica *A Revolução Monarchica* – discordando da Monarquia do Norte: «Eu sou um espírito positivo e não um espírito negativo; eu sou um conservador e não um revolucionário. Repugnam-me todos os actos de indisciplina; quer dizer, repugnam-me todas as revoluções. Posso sofrê-las, não as fomento...» (p. 16).

Demarca-se do Integralismo Lusitano em relação à questão do rei D. Manuel II.

Luís Ortigão Burnay pinta o seu retrato.

1920 – Profere uma palestra em casa dos Condes de Nova Goa: “*Sombras de Príncipes*” «Em Arte não há escolas estéticas porque uma escola supõe um programa, princípios – isso tudo é a negação da Arte».

Publica:

- *O Livro das Muitas e Variadas Coisas*: «Como Artista escrevo primeiro para mim; depois para mim; e sempre para mim. É pensando em mim que eu escrevo. Porque para o Artista só a sua Arte existe, isto é, a sua sensibilidade...» (p.31)

- *O Livro das Symphonias Mórbidas*, escreve-o *Alfredo Pimenta para os olhos dos que o souberem ler, e para a alma dos que o puderem sentir*.

- *A Questão Monarchica*.

1921 – Dentro da Causa Monárquica funda “A Acção Tradicionalista Portuguesa”: «A nossa acção é doutrinária, não é política, no sentido estricto da palavra. Doutrinariamente somos autónomos. Politicamente, cada um de nós obedece às indicações do Lugar-Tenente do Rei e ao Conselho Superior da Causa Monárquica que interpretam o sentir e o pensar do Rei». (p.10).

Inicia a sua colaboração no *Correio da Manhã*.

1922 – Colabora activamente nas eleições municipais: «As eleições municipais de 1922 são obra minha. Posso afirmá-lo com orgulho». (in *O Pensamento Político do Senhor D. Manuel II através das suas Cartas*, p. 15).

Publica:

-*Cartas Políticas de Sua Magestade el-Rei o Senhor D. Manuel II (Colligidas por A.P.)*, com prefácio de “Um Monarchico”.

- *Este é o Livro das Chymeras que, para consolação das próprias saudades, e para perpetuação de instantes transcendentais, Alfredo Pimenta escreveo, quando, tendo descido da Torre do seu Orgulho, entrava na Cathedral Magnifica da sua Humildade*.

- *Pretextos e Reflexoens* – «Não escrevo por vaidade, por narcisismo, por amor da glória, por desejo de aplausos. Escrevo, por uma necessidade estrutural do meo temperamento, para que no silêncio vasto que me rodeia, e na solidão moral em que vivo, eu possa de vez em quando, ouvir-me e encontrar-me – e suppor-me um pouco menos só» (p.12).

- *Coimbra, Poema de Saudade e Desafronta* (Portugália ed.).

1923 – Inicia a sua colaboração no *Diário de Notícias*, com a secção “Cultura Estrangeira” que depois transforma na “Cultura Estrangeira – Cultura Portuguesa”: «Há os investigadores, é certo; mas também há os impressivos. E estes, senhores de uma cultura geral, se bem que



superficial, precisam de quem lha alimente, fornecendo-lhes os elementos substanciais da Cultura, ou pela exposição das teses, ou pela indicação das fontes de onde elas emanam. A imprensa portuguesa diária nunca encarou este aspecto da elucidação intelectual do público. Pela primeira vez se tenta fornecer ao leitor português o espectáculo sistemático das múltiplas manifestações da cultura moderna».

Publica:

- *Cartas Monarchicas para os portugueses em geral, e para os monarchicos, em especial*, nº 1 a 6.

- *Mensagem ao Lugar-Tenente de El-Rei*

- *Carta ao Conselheiro Ayres d'Ornellas, ilustre Lugar-Tenente de Sua Magestade El-Rei.*

- *Este é o Livro da Minha Saudade, espelho de tristezas, jardim adormecido de sonhos dispersos, que Alfredo Pimenta escreveo, quando a saudade lho dictou.*

Profere a conferência *As Bases da Monarchia Futura*, na sede das Juventudes Monárquicas.

É atacado à bengalada, em pleno Chiado, por Aquilino Ribeiro que responde deste modo a uma crítica feita à sua obra; o incidente suscitou reprovação de todos os quadrantes.

1924 – Funda a “Acção Realista” – «Este movimento da Acção Realista foi, dentro da Causa Monárquica do Senhor D. Manuel, a mais bela de todas as tentativas para dar à Causa o prestígio, a força e a eficiência indispensável para a conquista do Poder (...)» (in *O Pensamento Político do Senhor D. Manuel II através das suas cartas*, p. 17).

Publica *Poemas em Proza*.

Inicia a sua colaboração no jornal *A Época*, nas secções “Tribuna Livre” e “Princípios & Factos”.

1925 – Publica:

- *A República Portuguesa em Face da Igreja Catholica e a Política do Centro Catholico*. O Rei D. Manuel II escreve-lhe: «... não deve o Alfredo Pimenta desanimar, sobretudo depois da publicação de *A República Portuguesa em Face da Igreja Catholica e a Política do Centro Catholico*; com igual franqueza lhe direi: ‘não tem direito’.»

- *Uma questão política: A ‘integral má fé do Sr. Francisco da Cunha Vieira’.*

É nomeado para o Conselho Político da Causa Monárquica como representante da Acção Realista.

Polémica com o Bispo de Bragança: *A Política do Centro Catholico e a minha resposta ao Senhor Bispo de Bragança e Miranda*.

Colabora na *Voz Nacional*, órgão da Acção Realista Portuguesa.

O convite da juventude escolar da Acção Realista profere em Coimbra a conferência *A missão actual da Universidade*.

1926 – Profere na Liga Naval a conferência *A Solução Portuguesa*, bem como uma outra conferência comemorativa do 1 de Fevereiro.

Desentendimento com a Causa Monárquica: demite-se do Conselho Político.

Carta ao General Gomes da Costa incitando-o à acção: «A minha missão não é poisar a pena, e empunhar a espada. Se eu fosse soldado, não poisaria a espada para empunhar a pena. (...) Quando visse, quando sentisse que o meu País tinha que reagir, para que o não assassinassem, desembainharia a espada, e diria aos meus soldados: ‘sigam-me!’». *Nas Vésperas do Estado Novo* (p. 29).

1927 – Publica *Tratado de Versificação Portuguesa*: «Para nós, Verso é um conjunto de notas musicais, ordenado a determinado, restricto e previamente ideado fim» (p. 16).

Inicia a sua colaboração no jornal *A Voz*, nas secções “Diário de Paris” (pseudónimo Structor), “Bilhete de Paris”, “Tribuna Livre”, “Bazar das Letras”, etc.

1928 – Acompanha com atenção o movimento do 28 de Maio; grande parte dos comentários encontram-se reunidos no livro *Nas Vésperas do Estado Novo* publicado em 1937.

1929 – Publica *Do meu Fideísmo, da Theologia das ‘Novidades’ e do mais que adiante se verá*.

1930 – Publica *Estudos Filosóficos e Críticos*, com prefácio de Ricardo Jorge que escreve: «Discorri ao longo das páginas caleidoscópicas deste livro raro, senão único, que podia sem ostentação arvorar a divisa – *De omni re scibili – et inscibili* (...) Admirei-lhe desde logo a erudição crítica a borbulhar em cachão, como veia a manar dos olhos duma fonte inestancável; mas esse caudal corre comprimido nos regos talhados pela mão criteriosa de quem sabe o curso a dar às águas do saber, para que a sua rega aproveite e fecunde. Tudo versa e controversa, sempre ao mesmo ritmo lógico e glóssico de ideia e da linguagem; a discussão e o estilo são modelares. Sobriedade e clareza, rigor e vigor. Um curso magistral de lições e críticas.» (p. XII).

1931 – Publica:

- *Das Origens da Poesia Peninsular (Estudo seguido de 47 Cartas de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a A.P.)*

- *Os Srs. Prof. André Velasco e Queirós Veloso plagiadores – Subsídio para as suas biografias mentais*.

É nomeado 2º Conservador da Torre do Tombo.

É nomeado Director do Arquivo Municipal de Guimarães, então criado, e funda o *Boletim de Trabalhos Históricos* que se propõe «a publicação nua e fria dos documentos».

1932 – Publica *Vínculos Portugueses e O Pensamento do Senhor D. Manuel II através das Suas Cartas*.

É nomeado Vogal da Comissão Central do Conselho Superior de Instrução Pública preenchendo a vaga deixada por Achilles Machado.

Enceta com o Prof. Oliveira Salazar a larga correspondência que manterá até ao final da sua vida.

Funda o grupo literário ‘Os Tertulíadas’ com Caetano Beirão, João Ameal, Fernando de Campos, Luís da Câmara Pina, António Meneses, Francisco Santos Silva, Alberto Ramires dos Reis e Mário Carvalho Nunes.

É desafiado para um duelo com o General Pereira Bastos por causa da data de 24 de Julho a atribuir como nome a uma artéria da capital.

1933 – Publica *A Quem Pertence a Casa de Bragança?*

O *Diário de Lisboa* celebra a mentira do 1º de Abril com a notícia de um duelo entre Alfredo Pimenta e Afonso Lopes Vieira a propósito da edição da *Lírica de Camões* por José Maria Rodrigues.

1934 – Publica:

- *Os Bens da Casa de Bragança – resposta a Duas Cartas que um abalizado advogado escreveu em defesa do Decreto nº 23 240.*

- *Elementos de História de Portugal – Elaborados para uso do Ensino Secundário, absolutamente de acordo com o respectivo Programa.* «Este livro é o produto de longos anos de estudo, meditação, revisão de doutrinas próprias e alheias, – um esgotante trabalho feito sem pressas, por não ter outro fim que não fosse o desejo de saber; foi redigido, porém em quatro meses e doze dias, desde 1 de Março a 12 de Julho de 1934, num autêntico *tour de force*, em que pus à prova a minha capacidade de resistência e a bondade da Providência.» (...) «Parti do princípio de que estava tudo por fazer. Não copiei uma linha de ninguém. Todas as fontes foram revistas e joeiradas». (p. VIII).

O Arquivo Municipal de Guimarães é instalado nas salas do antigo Paços do Concelho.

1935 – Publica:

- *Novos Estudos Filosóficos e Críticos.*

- A 2ª edição dos *Elementos de História de Portugal.*

- *Os Meus Elementos de História de Portugal e a Crítica.*

- *Pierre Ronsard foi Cavaleiro de Cristo? in Mélanges offerts à Paul Laumonnier.*

Profere na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra uma conferência intitulada *Evolução de um Pensamento – (Autobiografia Filosófica)*.

Os *Elementos de História de Portugal* são preteridos a favor do D. Sebastião de Queirós Veloso no Prémio Alexandre Herculano atribuído pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Foi entrevistado pelo *Diário de Lisboa* para o Inquérito sobre o Panorama Literário Português.

1936 – 3ª edição dos *Elementos da História de Portugal.*

O Prémio Ramalho Ortigão, do Secretariado de Propaganda Nacional, é atribuído ao seu livro *Estudos Filosóficos e Críticos.*

Profere na Academia das Ciências a conferência intitulada *O Império Colonial Factor de Civilização*, integrada no Ciclo de Alta Cultura Colonial.

Publica:

- *Os Vimarais Monumenta Historica e a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães.*

- *Polémica Histórica com o Sr. A. da Costa Veiga.*

- *D. João III* que abre a colecção «*Estudos Históricos – Biblioteca de Revisão Histórica*» sob a sua direcção, lançada pela Livraria Tavares Martins, do Porto. «Isto, leitor benigno, não é a história do reinado de D. João III (...) isto é, apenas, quer ser, apenas, o esboço impressionista, a pochade rápida da sua acção de governante (...) É a bem dizer, este livro, a primeira obra de conjunto que se escreve sobre D. João III» (p. IX).

- *A Conquista de Coimbra por Fernando Magno*

- *A Lição dos Factos*

- *A Morte do Rei de Inglaterra*

- *Chaimite*

- *Carta aos estudantes de Guimarães (à Memória do João de Meira)* sob o pseudónimo de Frondélio Vimaraneense.

Oliveira Salazar escreve-lhe: «Os problemas postos por V. Ex.<sup>a</sup> interessam-me muitíssimo e era preciso ver se somos capazes – e por que meio lá chegaremos – de reconstituir o Estado, servido por ‘pessoal intelectualmente adequado’. O ponto difícil é que é necessário começar por algures e para esse começo tem de dispor-se de certo número de elementos. Há-os? Como aproveitá-los? É abusar de V. Ex.<sup>a</sup>, pedir concretamente a sua opinião, mas faço-o confiado no seu patriotismo e na incontestável vontade de que nos salvemos. Sou quem em Portugal vive mais intensamente a tragédia do futuro, que não sei assegurado e não o será com certeza sem a modificação da nossa mentalidade. Somos capazes de operá-la?» (14 de Setembro).

Demite-se do seu lugar de Vogal da Comissão Central do Conselho Superior da Instrução Pública.

1937 – 4ª edição dos *Elementos de História de Portugal*.

Publica:

- *Aditamento aos Elementos de História de Portugal*.

- *Subsídios para a História de Portugal (Textos e Juízos Crítico)*, material seleccionado para a sua projectada História de Portugal.

Inicia a série «*Estudos Históricos*» de que publicará dentro deste ano:

- nº I – *A Conquista de Lisboa em 1147 – Nota à margem da História de Portugal de Alexandre Herculano*

- nº II – *O D. João VI do Marquez de Lavradio*.

Publica:

- *Os Prémios-Literários de 1936 do Secretariado de Propaganda Nacional*

- *Nas Vésperas do Estado Novo*: «O Estado Novo é uma experiência, – mas é uma anomalia na vida política da Nação.

«Não resolveu, não pode resolver o problema crucial, o problema fundamental, o problema essencial – o problema político. É um artifício – cheio de magníficas intenções honradas do homem que o architectou, mas um artifício precário, provisório, à mercê duma lufada.» (p. 181).

- *A propósito da sigla JHS*

Académico Titular Fundador da Academia Portuguesa da História. Reivindica a atribuição do Prémio Alexandre Herculano do SPN para o seu *D. João III*.

1938 – 5ª edição dos *Elementos de História de Portugal*.

Continua a série dos «*Estudos Históricos*»:

- nº III - *O Foral de Chaves*.

- nº IV- «*A História da Igreja*» do Padre Miguel de Oliveira anotada por A. P.

- nº V - *A Doação de Afonso de Ansemondes de 1º de Novembro de 1154 – Texto e comentário*; com este estudo colabora de *motu proprio* na celebração do 8º centenário da Independência de Portugal.

- nº VI - *O P.e Miguel de Oliveira e a sua História da Igreja – réplica pianíssima!*

- Edita *Cartulário do Mosteiro de Crasto*.

É desafiado por Costa Veiga para se bater em duelo por problemas de erudição.

Publica:

- *Breves Notas às Questões Históricas do Sr. A. Botelho da Costa Veiga* (exemplar único).
- *Palavras insuspeitas*.

1939 – Publica:

- *As Festas Centenárias*.

Na série «*Estudos Históricos*»:

- nº VII – *A Data da Fundação da Nacionalidade – 24 de Junho de 1128*;
- nº VIII – *Notas de Diplomática*;
- nº IX – *O nome de D. Afonso Henriques nos Documentos Medievais*: «É possível que se considere este problema coisa mínima de que o Pretor não deve cuidar. Não é assim. «Em ciência não há problemas grandes ou pequenos; há problemas bem postos ou mal postos (...) ele envolve a solução de outros de natureza diplomática, paleográfica, histórica, filológica» (p. 12)
- nº X – *Apostilla às Notas de Diplomática*.

1940 – Na série «*Estudos Históricos*» publica:

- nº XI – *Onde Nasceu Portugal*.
- nº XII – *Inédito Precioso do Cardeal Saraiva – Publicado e Comentado por A.P.*
- nº XIII – *As Chancelarias Medievais Portuguesas da Senhora Abiah E. Reuter – Esboço Crítico por A.P.*
- nº XIV – *A Data do Combate de Val de Vez*-
- nº XV – *A Façanha de Martim Moniz*.

Publica:

- *Guimarães (Publicação Comemorativa das Festas Centenárias da Fundação de Portugal*.
- *Três Documentos Afonsinos*
- *Alguns Documentos para a História de Idanha-a-Velha*
- *Livro dos Roubos que os franceses e vasalos del Rej de França fizeram aos Moradores desta Vila de Guimarães e seu Termo* – (Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, 1ª parte, m.50, doc. nº 31).
- *Os Forais Medievais Vimaranenses*
- *A Concordata – Esboço Crítico* (exemplar único).
- *Garantir o Futuro*

Profere a conferência *A Fundação e a Restauração de Portugal* na Câmara Municipal de Guimarães.

Comunicação ao Congresso do Mundo Português: *A Crise de 1383-1385 – Robustecimento do Espírito Nacional – Consolidação da Independência*.

Inicia a sua colaboração na revista '*Esfera*' revista portuguesa de Actualidades Internacionais.

Queixa-se ao Presidente da Assembleia Nacional pelo facto de a sua correspondência ser violada. O Presidente do Conselho manda recolher o *Diário das Sessões* e ordena uma nova edição sem a referida queixa.

Exprime o desejo de, à sua morte, ser enterrado no cemitério de Aldão, em Guimarães.

1941 – Continua a série de «*Estudos Históricos*»:

- nº XVI – *Para a História das Relações entre Portugal e a Alemanha – 1884-1914*
- nº XVII – *A História de Portugal do Sr. António Sérgio – Vista por A.P.*

Publica:

- *Contra o Comunismo.*
- *Breves Notas ao Soneto Alma Minha Gentil...*
- *O Padre Nosso – Comentário à modificação introduzida.*
- *Últimos Echos de Um Violino Partido:* «Eu sou um Estradivário enamorado / que gemeo e sorrio, cantou e soluçou / quando sentio passar nas cordas, inspirado, / o Arco sem igual que Deos lhe destinou».

Profere na sala Salazar da Universidade do Porto a conferência *Palavras à Juventude*.

Profere no Ateneu Comercial de Braga a conferência intitulada *Mestres do Pensamento*.

Expressa o desejo de ser sepultado na Capela da Madre de Deus, em Guimarães.

1942 – Continua a série de «*Estudos Históricos*»:

- nº XVIII – *Para a História das Relações entre Portugal e a Inglaterra – Dois Documentos Inéditos.*
- nº XIX – *A Propósito do Paço dos Duques de Bragança.*
- nº XX – *O Descobrimento do Brasil.*

Publica:

- *Dois Bispos de Coimbra ao mesmo tempo, no século XIII.*
- *Eu e as Novidades.*
- *Leituário da Sé de Lamego.*
- *A Crónica da Tomada de Ceuta – (Introdução, Selecção e Notas).*
- *A Senhora de Pangim.*
- *Memórias do Mosteiro do Paço de Sousa – Índice dos Documentos do Arquivo composto por Frei António da Assunção Meirelles – Publicação e Prefácio por A.P.*
- *A Igreja e os Regimes Políticos.*
- *A Igreja e os Regimes Políticos – Aditamento.*

É preso por ordem do Ministro do Interior pelo facto de ter içado permanentemente à janela da sua casa em Lisboa a bandeira da Restauração.

1943 – Na série de «*Estudos Históricos*» publica:

- nº XXI – *As Ilhas dos Açores – Síntese Histórica.*

Publica:

- *Os Historiadores de Alcobaça – Introdução, Selecção e Notas.*
- *Frei Luís de Sousa – Introdução, Selecção e Notas.*
- *Escritor Ingrato a Uma Crítica Justa.*
- *À Volta da Sucessão Dinástica.*
- *Teófilo Braga.*

Começa o conflito com a Academia Portuguesa da História.

É denunciado como escritor perigoso por uma nota do Patriarca de Lisboa que se apresenta na sua «qualidade de doutor e juiz da Doutrina Católica». Cessa a sua colaboração na *Voz*.

1944 – Na série de «*Estudos Históricos*» publica:

- nº XXII – *Duarte Darmas e o seu Livro das Fortalezas*

Publica:

- *A Propósito de António Sardinha – carta ao brasileiro Guilherme Auler com quatro cartas de António Sardinha*, sob a epígrafe do próprio Sardinha: «Chamaram por mim. Pois aqui estou – e como sempre de cara descoberta!».
- *António Sardinha e o Grupo Recreativo dos Trinta e Seis*.
- *Paiva Couceiro*.
- *Contra o Comunismo – Análise Comparativa das Encíclicas Mit Brennender Sorge e Divini Redemptoris*.
- *Eugénio de Castro na Poesia Portuguesa – (Esboço Crítico seguido de 20 cartas inéditas do Poeta)*.

1945 - Na série de «*Estudos Históricos*» publica:

- nº XXIII – *Ainda a Batalha de Ourique*

Publica:

- *Carta a Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amélia*.
- *A Democracia Nova*.
- *Os Criminosos de Guerra e os neutros*.

1946 – Publica:

- *A Estilística Portuguesa do Sr. Rodrigues Lapa vista por Alfredo Pimenta*: «Que a língua não seja a múmia petrificada, nem o túmulo entrevado e bafiento; mas que não seja também o *no man's land* do Jornalismo ignaro que nos atira à cara com o *carrilhanor* e outras imbecilidades, e do Modernismo idiota que desafia as leis mais correntes do Bom Senso».
- «A língua é a expressão do Pensamento. E este só existe onde há ordenação e lógica. (...) As abstracções, por mais subtis, as imagens, por mais transcendentis, são apreensíveis, desde que se sirvam do modo de expressão em que haja lógica e ordem.» (p.6,7).
- *Fuero Real de Afonso X, O Sábio – Versão Portuguesa do século XIII, publicada e comentada por A.P.*: «Até me parece sonho de tarde de primavera o eu poder abalançar-me à empresa de publicar esta versão portuguesa do *Fuero Real*, há anos guardada, copiada, na minha livraria, à espera da monção. (...) Da Crítica do meu País, mortos alguns que podiam, magistralmente, exercê-la, e de facto, magistralmente a exerciam, há muitos anos que só recebo ou o silêncio cobarde e impotente, ou o apedrejamento selvagem e odiento.
- «Continuarei indiferente e sempre *rerum novarum cupidus*, a trazer para o edifício, os seixos grosseiros da minha pedreira, que outros, um dia, mais felizes ou mais hábeis, depois de os terem desbastados, alindarão. (pp. VII e IX).
- «Com excepção da Catalunha, onde se passou da *Lex Visigothorum* para os *Usatges* promulgados em 1068, ainda que, já na vigência destes, se aplicassem, uma vez por outra, disposições do Direito visigótico – com excepção da Catalunha, por todos os reinos católicos se espalhou o sistema foralengo, processo útil de repovoamento das terras, e de fixação das populações.» (p. 3)
- *Idade-Média (Problemas & Soluções)*: «A História é a descrição ou a narração dos phenomenos do mundo social – seja qual fôr o sector que se tome para campo a narrar ou a descrever.» (p. XII).
- *Os processos jornalísticos do Correio do Minho*.

É demitido da Academia Portuguesa da História, como consequência de um longo processo de incompatibilidade de feitios e irreverência para com os estatutos e alguns académicos.

Publica: *Na Academia Portuguesa da História – Página solta dos seus Anais escripta por A.P.*  
Inicia a sua colaboração em *A Nação*, semanário dirigido por J. O'Neill.

1947 – Na série de «*Estudos Históricos*» publica

- O nº XXIV – *Carta de Feudo a Claraval*.

Publica:

- *Coelho da Rocha e Camilo Castelo Branco*.

- *Cartas aos Monárquicos Portugueses*, em que mais uma vez defende a necessidade de os monárquicos Portugueses possuírem doutrina e se preocupa com o problema do regime, dado que embora Oliveira Salazar tenha desenvolvido, na sua opinião, uma notável acção governativa, «se virmos as coisas do plano do futuro, o Estado Novo é quase inteiramente estéril» (p.5).

Em Guimarães, profere a conferência *Em defesa da Portugalidade*, em que se define: «... inflexível, de uma só peça, tão claro como o dia, nas minhas atitudes, tão transparente como a agoa da minha fonte, nas minhas doutrinas, tão lógico como as deduções matemáticas, nos meus actos...» (p.9).

- *Na Hora da Tragédia*.

É confirmado na sua qualidade de Académico da Academia Portuguesa da História pelo Ministro da Educação Nacional que juridicamente anula a decisão da Academia.

É nomeado 1º Conservador da Torre do Tombo.

1948 – Na série de «*Estudos Históricos*» publica:

- nº XXV – *A Doação de Villa do Conde a Maria Paes, a Ribeirinha*.

Publica:

- *Fontes Medievais da História de Portugal – Selecção, Prefácio e Notas – Vol. 1º - Anais e Crónicas* a que se seguiriam, nos seus projectos, *Textos Jurídicos, Inquirições e Documentos Particulares*, nunca publicados.

- *Á Memória de José Leite de Vasconcellos*.

- *Para a História da Academia Portuguesa da História (Com vinte e sete documentos)*.

- *Cartas Monárquicas escritas ao estudante Caetano de Melo Beirão*: «Na minha idade, o amanhã já não interessa muito, pessoalmente, aos homens que se limitam a comer, dormir e gosar a paisagem. Mas além de que o meu espírito é, hoje, tão ansioso de descobrir novos horizontes, e encontrar novas certezas, como há quarenta anos, dá-se ainda a circunstância de ver à minha volta novas vidas que começam e são do meu sangue. Dez netos me rodeiam, e eu contemplo-os aflito, meditando no seu enigmático futuro.

«Preocupa-me, pois, primordialmente, o dia de amanhã.

«E nós não sabemos o que ele será. Não se tem procurado salvar a Mocidade – nem na orientação da sua formação mental, nem no rumo da sua fortaleza de carácter. (...) Os seus doutrinadores são ou herméticos, ou partidários do 'Deus é bom, mas o diabo não é mau', ou vagos, indecisos, cultores de mitos e superstições.» (p. 9).

O escultor vimaranense Joaquim Teixeira faz o seu busto.

- *Nos escombros de A Nação*.



1949 – É nomeado Director da Torre do Tombo.

Pede a exoneração de membro da Academia Portuguesa da História.

Publica:

- *Três Verdades Vencidas: - Deus, Pátria, Rei.*

- *Carta Pública ao Sr. Deputado Pinto de Meyrelles Barriga.*

- *A Firma Jorge Botelho Moniz e Juliana Couceiro Tavira.*

Profere no Hotel da Penha, em Guimarães, a conferência intitulada *Contra a Democracia*.

É retratado pelo pintor Ruy Preto Pacheco.

1950 – Publica:

- *A naturalidade de Francisco Sanchez*

Profere, no salão da Câmara Municipal de Braga, a conferência *Guerra Junqueiro*, integrada no 1º ciclo de Conferência Culturais que o Município de Braga promoveu.

O seu retrato pintado a óleo por Preto Pacheco é, na parte que reproduz o seu ex-libris, anavilhado na Exposição das obras daquele pintor no salão da Sociedade de Belas Artes em Lisboa: «Este sinete que eu concebi, compus e desenhei, e, mais tarde, transformei em ex-libris, é constituído por três partes harmónicas que obedecem à mesma intenção: a) um texto – a versão latina de certa passagem de Sexto Empírico: *omni rationi parem rationem dari oppositam (Pyrrhoneioi Hypotyposes I, 6)* que, segundo Diógenes Laércio, se deve atribuir a Protágoras (*Biografias, Doutrinas e Sentenças dos Filósofos ilustres de todas as seitas*, livro IX); b) duas expressões gráficas do Enigma, do Mistério, do Nihil scitur: 1) a Esfinge, anteposta ao Texto; 2) a Fylfot sob-posta ao texto» (S.B.A., p.5).

Publica:

- *Na Sociedade Nacional das Belas Artes (A navalha em Acção)*: «Tenho e uso este sinete, há muitíssimos anos. É o sinete dos actos solenes, que, repito, concebi, compus e desenhei. Não o uso sempre – porque me gasta muito lacre... Ninguém se importou com a esfinge ou com o texto. O malandrim marrou na suástica, persuadido de que sabe o que ela é, quando nasceu e o que significa. Por mim não sei quando nasceu, não sei bem donde provém; e ignoro o que significa. E não é pouco o que tenho estudado a tal respeito. Mas ainda assim, sei alguma coisa; sei, por exemplo, que (...) milhares de anos antes do Nazismo vir ao mundo, andava a cruz gamada em lápides funerárias, em figuras humanas e tinha entrado na simbologia dos homens; e muito tempo antes do Nazismo nascer, adoptava-a eu no meu sinete como sinal misterioso, enigmático e interpretativo, por isso mesmo, do meu cepticismo que o texto do Empírico assinala.» (p.6).

- Em 15 de Outubro, morre na sua casa da Rua de Pinheiro Chagas, em Lisboa, vitimado em poucas horas por um derrame cerebral, rodeado pelos entes que lhe eram queridos: a sua família.

- Publicação póstuma de *Páginas Minhotas*, com um retrato a carvão de Preto Pacheco.

\*\*\*\*\*

1951 – Trasladação dos seus restos mortais para a Capela de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Madre de Deus, em Guimarães. Orador Prof. Doutor Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Sobre a pedra tumular, desenhada pelo escultor Delfim Maya, pode ler-se: «Deus, Pátria, Rei bem servio Alfredo Pimenta».

Atribuído o seu nome a uma artéria de Guimarães: Alameda Dr. Alfredo Pimenta.

O Arquivo Municipal de Guimarães passa a designar-se “Arquivo Municipal Alfredo Pimenta” (Port.<sup>a</sup> de 29 de Fev<sup>o</sup> de 1951, *Diário do Governo* de 29-2-1951, 2<sup>a</sup> série).

1958 – Publicação póstuma do *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos*.

1963 – Atribuição do seu nome a uma rua de Lisboa.

1970 – Os seus Filhos fazem doação da sua Biblioteca e do seu retrato pintado por Preto Pacheco à Fundação Calouste Gulbenkian, em sessão solene presidida pelo Ministro da Educação Nacional, Prof. Veiga Simão, perante o Presidente do Conselho de Administração Dr. José de Azeredo Perdigão e demais membros desse Conselho. Com a designação de “Fundo Alfredo Pimenta”, integra a Biblioteca de Arte da Fundação.

1982 – Instituição do «Prémio de História – Alfredo Pimenta» por seu Filho Dr. Alfredo Manuel Pimenta. A Fundação Gulbenkian assume a organização do Prémio.

Comemoração do primeiro centenário do seu nascimento pela Câmara Municipal de Guimarães com a publicação de um número especial do *Boletim de Trabalhos Históricos*; uma exposição bio-bibliográfica no Museu de Alberto Sampaio; uma sessão evocativa na Sociedade Martins Sarmento em que foram oradores o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão e o escritor António Manuel Couto Viana; uma Missa solene concelebrada pelo Arcebispo Primaz de Braga e pelo Bispo de Lamego; e uma medalha com a sua efígie da autoria de Isabel Almada e do Arq.<sup>o</sup> Fernando Branco.

1985 – O Prémio de História Alfredo Pimenta, é atribuído por um Júri constituído pelos Profs. Doutores Torcato de Sousa Soares, Humberto Baquero Moreno, Emílio Saiez e José Hermano Saraiva, ao Prof. Doutor José Mattoso pela sua obra *A Identificação de Um País*, em cerimónia realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, na presença do Presidente da República Gen. Ramalho Eanes e do Conselho de Administração.

1994 - Apresentação, pela Fundação Calouste Gulbenkian, em sessão solene presidida pelo Prof. Doutor Ferrer Correia, Presidente do seu Conselho de Administração, da edição do *Catálogo do Fundo Alfredo Pimenta*, em 3 vols., com prefácio do Prof. Doutor José Mattoso. Em nome da família falou a Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Pimenta.

2002 - Evocação do 1<sup>o</sup> cinquentenário da morte de Alfredo Pimenta, pela Sociedade Martins Sarmento, em sessão solene, sob a presidência do Dr. Joaquim dos Santos Simões, presidente da referida Sociedade, e do Prof. Doutor Norberto Cunha em representação do Conselho Cultural da Universidade do Minho; foram oradores o Prof. Doutor Ernesto Castro Leal e o Dr. João Barroso da Fonte.

- Doação à Câmara Municipal de Guimarães, em sessão solene presidida pelo Dr. António Magalhães, presidente da edilidade, de exemplares únicos ou esgotados da bibliografia de

Alfredo Pimenta que não existiam no acervo do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta e de que eram possuidoras as netas do Escritor.

2003 – Inauguração, pelo Ministro da Cultura Dr. Pedro Roseta, das novas instalações do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta no edifício do Palácio dos Navarros de Andrade em Guimarães.

2005 – Doação ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, pela Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Pimenta, do espólio epistolar de Alfredo Pimenta, constituído por cerca de 20 mil peças.

*MARIA TEREZA PIMENTA*

(1937-2014)

#### APOSTILA

2015 – 14 de Outubro é publicado o 1º volume do catálogo da correspondência recebida por Alfredo Pimenta, com o título *Alfredo Pimenta – Correspondência recebida*, editado pelo Arquivo Municipal Alfredo Pimenta e Câmara Municipal de Guimarães.